



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À
DISTÂNCIA

MÁRCIA SALUSTINO FIRMINO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O OLHAR DOS ESTUDANTES**

JOÃO PESSOA - PB

2018

MÁRCIA SALUSTINO FIRMINO

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O OLHAR DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito institucional para a
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.
Orientador(a): Profa. Dra. Nayara Tatianna
Santos da Costa.

JOAO PESSOA - PB

2018

F525c Firmino, Márcia Salustino.

Concepções de Avaliação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: O olhar dos Estudantes / Márcia Salustino Firmino. - João Pessoa, 2018.

38f.

Orientação: Profa. Dra. Nayara Tatianna Santos da Costa.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Estudantes. 3. Ensino Fundamental. I. Costa, Profa. Dra. Nayara Tatianna Santos da. II. Título.

UFPB/BC

**CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: O OLHAR DOS ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para a
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia. Orientador(a): Profa. Dra. Nayara
Tatianna Santos da Costa.

Aprovada em: 18/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Nayara Tatianna S. da Costa
Prof. Orientador
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. _____
Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Kiara Tatianny S. da Costa
Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

À minha família.

Agradecimentos

Quero agradecer imensamente ao apoio do meu esposo Flavio Firmino dos Santos, sem ele eu não estaria estudando, seu esforço me ajudou a vencer.

Agradeço minhas irmãs Micilane e Michelle, minha mãe, Maria, Edvaldo, meu pai, meus tios Dedé e Josinaldo, Rosilda, Carmelita, Assis João, José e minha prima, Milena, por acreditarem em mim.

Agradeço a minha filha Shayera por me distrair em momentos de estresse.

Agradeço as minhas amigas, Caricelma, Adriana, Jaqueline, Salete, Mariana, Jordânia, Tatiana Cléria, Tatiana Lins, Cleonice, Leidiane, Rosicléia e Fátima Martins, por me apoiarem sempre.

Agradeço a Deus meu Pai Celestial por tudo que tenho passado em minha vida.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com minha formação.

Agradeço a Profa. Dra. Nayara Tatianna Santos da Costa, por todo seu esforço e paciência.

“O homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”
(MORIN,2000, p.52)

RESUMO

Este trabalho reside numa pesquisa sobre práticas de avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental, e teve como objetivo principal compreender o significado das práticas de avaliação da aprendizagem para os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental no município de João Pessoa. Além de buscar identificar como os estudantes do 1º ao 5º ano percebiam e caracterizavam as práticas de avaliação da aprendizagem; verificar quais sentimentos os estudantes expressavam nos momentos em que eram submetidos às práticas de avaliação e classificar as práticas de avaliação quanto aos tipos, frequência e os sentimentos expressos, a partir das vozes dos próprios estudantes. A pesquisa se caracterizou como qualitativa e exploratória e teve a roda de conversa como instrumento de coleta de dados. Os resultados indicam que, sobre avaliação, os estudantes entendem principalmente que se associam a provas escritas, e indicam que os resultados, notas, são supervalorizados, pelos professores, deixando de oferecer uma avaliação integral dos alunos. Alguns estudantes não sabem quando estão sendo avaliados, além de preocuparem-se muito nos momentos de prova, por receio das notas abaixo da média, entretanto parcela dos estudantes, sentem-se felizes na realização das provas. A pesquisa mostrou ainda que os estudantes gostam mais de atividades lúdicas, que sugeriram movimentos, do que atividades passivas ou estáticas.

Palavras chave: Avaliação da aprendizagem, Estudantes, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work is based on a research on assessment practices in the initial years of elementary school, and its main objective was to understand the meaning of the learning assessment practices for the students of the initial years of elementary education in the municipality of João Pessoa. In addition to seeking to identify how students from 1st to 5th year perceived and characterized learning assessment practices; to verify which feelings the students express in the moments in which they were submitted to the practices of evaluation and to classify the practices of evaluation as to the types, frequency and the feelings expressed, from the voices of the own students. The research was characterized as qualitative and exploratory and had the talk wheel as instrument of data collection. The results indicate that, on evaluation, students mainly understand that they are associated with written tests, and indicate that the results, grades, are overvalued, by the teachers, failing to offer a complete evaluation of the students. Some students do not know when they are being evaluated, in addition to being very worried about the moments of the test, for fear of the below average grades, in the meantime students, feel happy to take the tests. The research also showed that students enjoy more playful activities, which suggest movements, than passive or static activities.

Keywords: Learning evaluation, Students, Elementary School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PENSANDO O CONCEITO DE AVALIAÇÃO.....	12
1.1 AVALIAÇÃO FORMATIVA	13
1.2 AVALIAÇÃO COMO MEDIAÇÃO	16
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 TIPO DE ABORDAGEM DE PESQUISA	21
2.2. UNIVERSO DOS PARTICIPANTES	22
2.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	22
3.CONCEPÇÕES DOS ALUNOS	23
3.1 AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES	23
3.2 CLASSIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
5. REFERÊNCIAS	36
6.APÊNDICE-ROTEIRO PERGUNTAS.....	37

INTRODUÇÃO

Avaliar é uma tarefa que pode ser realizada cotidianamente, mesmo sem que nos demos conta disso, quando fazemos escolhas no nosso dia a dia, e para estas necessitamos julgar entre as opções que nos são disponíveis. Essa atividade de avaliar pode ser desde atitudes mais simples até mais complexas, e envolvem alguns parâmetros, ou se apoiam em determinados critérios predefinidos. Em se tratando da tarefa de avaliar a aprendizagem, o planejamento e a reflexão sobre os critérios torna-se uma exigência inerente a tal atividade.

Assim, é possível dizermos que a avaliação da aprendizagem, ainda que seja um tema bastante discutido na área de educação, não é um debate esgotado, e pensar esta atividade a partir dos olhares dos estudantes, é uma maneira de tratar o tema de outra perspectiva, que colabora com o processo de reflexão sobre essa temática e o desenvolvimento de práticas avaliativas que considerem as particularidades do cotidiano em questão.

Nesse sentido, questionam-se sobre como os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, percebem as práticas de avaliação da sua aprendizagem e quais os sentimentos que esboçam em relação ao fato de serem avaliados?

A partir dessa questão de pesquisa, pretendemos compreender o significado das práticas de avaliação da aprendizagem para os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Elder Câmara, localizada no município João Pessoa.

A escolha dessa instituição se deu por estar localizada no mesmo bairro do pesquisador possuir as séries solicitadas na pesquisa.

Nessa perspectiva, foram definidos como objetivos específicos para a pesquisa:

Identificar como os estudantes do 1º ao 5º ano percebem e caracterizam as práticas de avaliação da aprendizagem;

Verificar quais sentimentos os estudantes expressam nos momentos em que são submetidos às práticas de avaliação;

Classificar as práticas de avaliação quanto aos tipos, sentimentos expressos e frequência a partir dos relatos dos estudantes.

No capítulo 1, são apresentados conceitos de avaliação, além de esclarecimentos sobre avaliação formativa e como mediação. Já no capítulo 2 mostra o resultado da pesquisa sob a perspectiva dos estudantes em relação a avaliação.

1.PENSANDO O CONCEITO DE AVALIAÇÃO

O que pensar sobre avaliação? Comumente, muitas reflexões sobre esta temática são feitas, e em muitas dessas a avaliação é confundida com resultados de provas e testes, na qual o único fator importante é a nota, que os alunos recebem, isso é uma prática comum, mas é equivocada, pois avaliar não consiste apenas em apurar resultados, mas no olhar diferenciado pelo processo no aspecto adequado.

“[...] se evidencia na nossa prática educativa é de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a se direcionar por uma “pedagogia do exame” [...]” (LUCKESI,2006, p.17). sendo assim a importância que se dá as notas é determinantemente grande, sabendo que não é apenas a notas que se atribui uma avaliação da aprendizagem.

Habitualmente, quando se fala de avaliação se pensa, de forma prioritária ou mesmo exclusiva, nos resultados obtidos pelos alunos. Hoje em dia, este continua sendo o principal alvo de qualquer aproximação ao fato avaliador. Os professores, as administrações, os pais e os próprios alunos referem-se à avaliação como o instrumento ou processo para avaliar o grau de alcance, de cada menino e menina, em relação a determinados objetivos previstos nos diversos níveis escolares. Basicamente, a avaliação considerada como um instrumento sancionador e qualificador, em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno, e o objeto da avaliação são as aprendizagens realizadas segundo certos objetivos mínimos para todos. (ZABALA.1998, p.195).

Avaliar não se caracteriza unicamente em buscar resultados, mas engloba uma série de questões importantes, que devem ser observadas e analisadas, em busca de olhar integralizado, e não exclusivamente em notas e resultados de provas.

A avaliação deve ser concentrada nos sujeitos, que são alunos e professores, de forma individual e grupal e nos objetos que são o processo de aprendizagem e o ensino, procurando investigar em sua totalidade, todo esse processo. Percebe-se que há uma grande linha de avaliação, que não se resume em resultados, existe outros pontos relevantes, encontrados nos objetos e sujeitos para serem explorados, para que aconteça uma avaliação completa e significativa. Dentro deste contexto pode-se perguntar: Como o professor ensina? A maneira que o professor ensina atende a todos os alunos? Logo

sujeitos e objetos avaliados apresentam conclusões que podem beneficiar ambas as partes, objetos e sujeitos de forma esclarecedora.

1.1 Avaliação formativa

De acordo com Zabala (1998) ao analisar a avaliação, de um ponto de vista construtivista, o objeto de avaliação passa a focar, nos resultados na avaliação e aprendizagem. De forma individual e em grupo e o sujeito passa a ser ao aluno e a equipe pedagógica.

A tomada de posição em relação às finalidades do ensino, relacionada a um modelo centrado a formação integral da pessoa, implica mudanças fundamentais, especialmente nos conteúdos e no sentido da avaliação. Além do mais, quando na análise da avaliação introduzimos a concepção construtivista do ensino e da aprendizagem como referencial psicopedagógico, o objeto da avaliação deixa de se focar exclusivamente nos resultados obtidos para se situar prioritariamente no processo de ensino-aprendizagem, tanto do grupo/classe quanto de cada um dos alunos. Por outro lado, o sujeito da avaliação não apenas se centra no aluno, como também na equipe que intervém no processo. (ZABALA,1998, p.198).

Esta avaliação de sujeito e objeto, traz na sua bagagem uma oportunidade de forma integral obter uma visão mais aprofundada da situação do ensino e aprendizagem.

Observa-se de acordo com Zabala (1998) que em uma sociedade que traz a escola um costume em que as diferenças de aprendizagem não são levadas em consideração, mas apenas se valoriza aqueles alunos que se destacam em sua aprendizagem, uma forma de ensino que é mesma oferecida a todos sem contar com suas individualidades, onde cada aluno tem sua peculiaridade e precisa de uma forma de ensino diferenciada para que possa se desenvolver de forma apropriada e adequada a sua situação.

Como pudemos observar, procedemos de uma tradição educacional prioritariamente uniformizadora, que parte do princípio de que as diferenças entre os alunos da mesma faixa etária não são motivo suficiente para mudar as formas de ensino, mas que constituem uma evidência que valida a função seletiva do sistema e, portanto, sua capacidade para escolher os melhores. A uniformidade é um valor de qualidade do sistema, já que é o que permite reconhecer e validar os que servem. Quer dizer, são bons alunos aqueles que se adaptam a um ensino igual para todos; não é o ensino quem deve adaptar-se às diferenças dos alunos. (ZABALA,1998, p.198).

De acordo com Luckesi (2006) os estabelecimentos de ensino focam sua a tenção para verificar como está a situação do aluno visando apenas suas notas, “O estabelecimento de ensino está centrado nos resultados das provas e exames [...]” (LUCKESI,2006, p.20) Neste sentido como poderão individualizar a ajuda aos alunos?

Precisa-se sair desta tradição onde o aluno necessita atender ao sistema, onde o que importa é apenas os que se encaixam no esperado, cada aluno tem seu valor e deve se levar em consideração outros aspectos de sua aprendizagem. Determinar uma forma de ensinar única, não pode ajudar a diversidade de alunos que tem a necessidade de aprender por outras formas, portanto meios de avaliar alunos não podem ser uniformizados, a necessidade de diversidade na maneira de ensino/aprendizagem, buscando atender a todos.

Sob uma perspectiva uniformizadora e seletiva, o que interessa são determinados resultados em conformidade com certos níveis predeterminados. Quando o ponto de partida é a singularidade de cada aluno, é impossível estabelecer níveis universais. Aceitamos que cada aluno chega à escola com uma bagagem determinada e diferente em relação às experiências vividas, conforme o seu ambiente sociocultural e familiar em que vive, e condicionado por suas características pessoais. Essa diversidade óbvia implica a relativização de duas das invariáveis das propostas uniformizadoras - os objetivos, os conteúdos e a forma de ensinar - e a exigência de serem tratadas em função da diversidade dos alunos. [...] (ZABALA,1998, p.199).

Podemos então refletir por meio de Zabala (1998) que os alunos chegam no ambiente escolar com experiencias acumuladas, ao chegar na sala de aula nota-se que suas vivências influenciam na sua aprendizagem, observa-se que cada aluno tem suas individualidades bem acentuadas, uma didática uniforme não pode ajudar a todos igualmente a aprenderem um conteúdo.

Dessa forma o educador é um dos principais responsáveis para buscar entender os alunos, investigando o aluno para entender suas necessidades, dúvidas, até onde vão seus conhecimentos e assim por diante uma série de questionamentos, que irão ajudar o professor a saber como auxiliar seus alunos.

[..]nesse marco, a avaliação já não pode ser estática, baseada na análise de resultado, porque se torna um processo. E uma das primeiras fases do processo consiste em conhecer o que cada um dos alunos sabe, sabe fazer e é, juntamente com o que pode chegar a saber, sabe fazer e é, e o que pode chegar a saber, saber fazer ou ser, e como aprendê-lo. A avaliação é um processo cuja primeira fase se denomina avaliação inicial. (ZABALA,1998, p.199).

Conforme indica Zabala (1998) entender melhor o que cada aluno sabe, ou seja, a dimensão de seus conhecimentos, possibilita a cada educador a saber como desenvolver meios de aprendizagens que possam ajudar cada aluno de forma individual, desenvolvendo atividades e maneiras de ensinar que possibilitarão aos alunos mais variedades de aprendizagem, esperando-se um melhor desenvolvimento dos alunos.”[...]a avaliação da aprendizagem , na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a função de substituir a decisão de melhoria da aprendizagem.(LUCKESI,2006,p.25). Desse modo a mudança precisa chegar para que o ensino seja dedicado e específico para cada aluno.

Mas nota-se que mesmo em busca de atividade inovadoras, os resultados não serão sempre os mesmos já que a uma mudança constante de aprendizagens e formas de ensinar e nas experiências dos alunos. “[..]A complexidade do fato educacional impede dar, como respostas definitivas, soluções que tiveram bom resultado anteriormente. Não apenas os alunos são diferentes em cada ocasião, como as experiências educacionais também são diferentes e não se repetem[..]” (ZABALA ,1998, p.200).

Por consequência será necessário que a aula seja adequada para cada peculiaridade, ou seja, cada caso terá que ser atendido por meio das aulas, cada aluno desenvolverá seu potencial de acordo com sua necessidade, sendo assim as novas didáticas terão que atender suas carências.

“[...]O conhecimento de como cada aluno aprende ao longo do processo de ensino-aprendizagem, para se adaptar às novas necessidades que se colocam, é o que podemos chamar de avaliação reguladora.” (ZABALA,1998, p.200).Assim como defende Zabala (1998) a avaliação formativa , por ele denominada como “ avaliação reguladora” explicando que o termo formativa fica melhor utilizado para uma definição de avaliação geral e o termo reguladora melhor se encaixa em conceitos de adaptação e adequação, sendo assim ele afirma que avaliação formativa entende o objetivo da avaliação que é de reconhecer a importância do processo de ensino e aprendizagem, que de forma significativa busca entender o melhor meio de proporcionar uma educação que se preocupa em atender as necessidades específicas dos seus alunos.

Portanto as atividades educacionais realizadas, de acordo com Zabala(1998) em conformidade com a necessidade da criança, produz resultados, que precisam ser avaliados para que se verifique a evolução de cada um , esse conhecimento dos resultados

é chamado de avaliação final , que para Zabala(1998), trata de resultados atingidos e conhecimentos alcançados ou avaliação somativa ou integradora , que se refere ao conhecimento aprendido e avaliação de todo o trajeto do aluno.

Seguidamente, o conhecimento dos resultados obtidos é designado com o termo avaliação final ou avaliação somativa. Pessoalmente, penso que a utilização conjunta dos dois termos é ambígua e não ajuda a identificar ou diferenciar essas duas necessidades: o conhecimento do resultado obtido e a análise do processo que o aluno seguiu. Prefiro utilizar o termo avaliação final para me referir aos resultados obtidos e aos conhecimentos adquiridos e reservar o termo avaliação somativa ou integradora para o conhecimento e a avaliação de todo o percurso do aluno. Assim, a avaliação somativa ou integradora é entendida como um informe global do processo que, a partir do conhecimento inicial (avaliação inicial), manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo e, em especial, a partir desse conhecimento, as previsões sobre o que é necessário continuar fazendo ou o que é necessário fazer de novo. (ZABALA,1998, p.200 a 201).

Desse modo as avaliações somativa e final, auxiliam o educador a como proceder em relação ao aprendizado e necessidades especiais do aluno.

1.2 Avaliação como mediação

Ao realizar uma pesquisa Hoffmann (2011), mostra trechos de trabalhos de alunos, onde faz uma análise sobre seu desenvolvimento, nota-se o autor deseja que busquemos dar ao aluno confiança em sua construção de conhecimentos, observando o quanto os alunos são capazes e talentosos, que vem em sua bagagem pessoal, vivenciada na sua realidade cultural e política.

[...]Juliana defini a palavra “desmatamento”, em um texto “copiado” sobre ecologia, como desmatar, tornar vivo novamente. Sua interpretação apresenta uma certa coerência, se relacionarmos a palavra desmatar às palavras desarrumar ou despentear, por exemplo, que fazem parte do seu dia a dia, e apresentam significado contrário. (HOFFMANN,2011, p.85).

Observa-se que a aluna demonstrou sua habilidade e inteligência de forma criativa e percebe-se que seu pensamento está articulado com sua realidade segundo Hoffmann (2011), que também destaca sua incrível criatividade.

Pensando nisso pode-se de acordo com Hoffmann (2011), observar que o educador pode buscar soluções, para ajudar o aluno ao avaliar suas interpretações levando em consideração a uma definição de erro construtivo, ou seja, de forma diferenciada enxergar as repostas por um ângulo diferente, considerando suas experiências de vida. Sobre a concepção do erro construtivo a autora comenta:

O que significa considerar que o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento da sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação. A criança e o jovem aprimoram sua forma de pensar o mundo na medida em que se deparam com novas situações, novos desafios e formulam e reformulam suas hipóteses. (HOFFMANN, 2011, p.86).

Desse modo Hoffmann (2011), discorre afirmando que a avaliação deveria sim ser livre de conceitos de respostas certas ou erradas, mas voltadas para um significado diferente, observando as respostas, sob uma perspectiva investigativa e reflexiva. Propondo assim uma parceria entre professor e aluno, em busca de uma reconstrução estimulada dos conhecimentos, uma troca de experiências intelectuais que de certa forma procuraria harmonizar os pensamentos de alunos e professores, trazendo de formato natural a troca de saberes. “[...] sem padrão não há erro[...]” (LUCKESI, 2006, p.54), com esse pensamento Luckesi (2006) contribui com o o que diz Hoffmann (2011), os dois concordam que o não existe um modelo de errado ou certo.

Quando se trata do termo “avaliação por mediação” Hoffmann (2011), diz que a mesma traz como consequência uma ação avaliativa com uma das mediações que proporcionaria uma estimulação para alinhar conhecimentos, procurando de todas as formas e possibilidades estabelecer uma mutualidade entre alunos e professores, gerando uma troca de ideia intelectual.

Hoffmann (2011), reconhece a avaliação mediadora com um significado real de “intervenção, intercessão e intermediação”, são sinônimos que possuem um único objetivo na prática de avaliar o aluno.

Neste sentido segundo Hoffmann (2011) a avaliação mediadora está inserida em um contexto que vai entre a ação do aluno de construção do conhecimento e seu processo de produção.

Conforme explica Hoffmann (2011), esta intervenção por avaliação mediadora é praticamente extinta nos dias de hoje, pois a forma de agir do educador se resume a passar conhecimento e corrigir.

Hoje esse movimento é muitas vezes desconsiderado. Nas maiorias das escolas, a ação é limitada a transmitir e corrigir. O processo educativo se desenvolve em momentos estanques, sem elos de continuidade, desconectados em termos de progressão na construção de conhecimento. (HOFMANN,2011, p.88).

A falta desta descontinuidade não é claramente único empecilho de progresso que afeta as escolas, mas é uma ação determinante e extremamente significativa para um melhor desenvolvimento dos alunos.

Para uma análise da avaliação como mediadora é necessário de forma abrangente escapar desta prática antiquada de mesmice que não sai das formula de enxergar apenas o que é certo ou errado, mas de ter um olhar flexível e ver o aluno de maneira mais integral e reflexiva.” [...], porém se atentamos bem para o que acontece de fato nesse processo, não há nem acerto nem erro. Ocorre, sim, um sucesso ou um insucesso como resultado da atividade[...]” (LUCKESI,2006, p.55), partindo dessas afirmações percebe-se que o olhar do certo ou errado precisa ser ajustável.

Em sua pesquisa Hoffman (2011, p.89) relatou que ao avaliar uma professora de história e sua definição de avaliação, que afirma que avaliação se trata do desenvolvimento dos trabalhos e não unicamente de um instante. Notou-se que ela falou e sua prática existia uma grande diferença, que se resumia em corrigir e dá uma nota final, sem qual quer tipo de acompanhamento, O que normalmente acontece nas escolas na realidade, mas de um foram geral, acredita-se que o professor é capaz de mudar seu discurso mas algumas vezes ele é impedido não só por ele mesmo mas pelas dificuldades que encontra no caminho, obstáculos diversos, que muitas vezes estão fora do seu alcance de soluçona-los.

Se analisarmos a concepção de avaliar da professora de história em contraposição á sua prática, percebemos a contradição existente. Ela define o processo avaliativo como presente na continuidade representada pelo fato de correção ao final, isto é, negando a possibilidade de avanços a possibilidade de avanços naturais, de dúvidas, de posicionamentos alternativos próprios de cada sujeito a serem discutidos ao longo do processo. O que dá origem a essa contradição? Por que o discurso do professor é inovador enquanto sua prática é conservadora? Acredito que é necessário situar a ação avaliativa no contexto

de uma educação libertadora e construtivista. Percebe-se, que, ao mesmo tempo em que o professor intui a perspectiva mediadora, é consciente dessa possibilidade, ele encontra dificuldades em transformá-la numa prática efetiva. (HOFFMANN, 2011 p. 90 a 91).

O professor tem real desejo de colocar muitas questões em prática, mas a realidade dos professores muitas vezes não permite, a sufocante vida atarefada de um professor o impede, além de empecilhos na própria escola.

Outro aspecto apontado por Hoffmann (2011) é sobre a relação entre fazer e compreender do aluno, que para o autor é uma fase de relevância em sua vida escolar, que contempla a sua construção de conhecimento.

O interesse de Hoffman (2011p.92) é mostrar que o “fazer” do aluno é a oportunidade de ajudá-los e entender melhor fenômenos e objetos., cabendo dessa forma uma ação mediadora de avaliação.

[..]uma ação avaliativa e mediadora envolveria um complexo de processos educativos (que se desenvolveriam a partir da análise as hipóteses formuladas pelo educando, de suas ações e manifestações) visando essencialmente ao entendimento. Tais processos mediadores envolveriam encorajar e orientar os alunos á produção de um saber qualitativamente superior, pelo aprofundamento às questões propostas, pela oportunidade de novas vivências, leituras ou quais quer procedimentos enriquecedores ao tema de estudo. (HOFFMANN, 2011, p.92 a 93).

Estas ações mediadoras possibilitam que os educandos abram suas mentes para criar e refletir sobre seus entendimentos do conteúdo, para isso a participação efetiva do professor incentivando os alunos é de grande importância para que a avaliação mediadora seja realmente efetivada.

Neste sentido a colocação de Hoffmann (2011, p.93) de que a repetência não é garantia de aprendizado mostra a diferença gritante sobre a oportunidade que a avaliação mediadora traz aos alunos, de não apenas decorar, mas analisar entender e questionar um tema abordado. “[..]compreender não significa repetir ou memorizar[.]”

Infelizmente é um quadro comum nas escolas, alguns alunos que decoram são considerados como os mais inteligentes, mas o que não decoram e colocam suas opiniões e reflexões nas repostas de trabalhos e provas são mostrados algumas vezes, como alunos que não sabem o que escrevem ou que colocaram a resposta errada, pois não está de

acordo com o livro e não afirmam o que professor diz. Essas dinâmicas de apenas memorizar não trazem ao aluno poder de ponderar sobre o conteúdo e construir sua opinião.

Em sua pesquisa Hoffmann(2011,p.95 a 96) conta que uma mãe de aluno, questiona o porquê de sua reprovação em matemática, e porque as dificuldades não foram vistas antes, já que o aluno era do 6 ano e estudava na escola desde a educação infantil, a autora destaca que muitas vezes as dificuldades dos alunos são escondidas e abafadas pelos professores já que possuem um bom comportamento e são pontuados por isso. Pode-se perceber que muitas notas e pontos realmente são atribuídos dessa forma, mas não há benefícios nessa forma de avaliação, vejamos o que diz Hoffmann (2011, p.96):

Tais fórmulas de atribuição de notas e conceitos nutrem-se das questões de ordem atitudinal de forma a esconder os problemas reais de aprendizagem. Essa benevolência do professor representa, entretanto, uma grave omissão em termos de responsabilidade de encorajar esses alunos a aprimorar suas hipóteses, a reorganizar seu saber, alcançado, de fato, conceitos superiores. Acaba penalizando seriamente o estudante em vez de favorecê-lo.

Sendo assim a avaliação mediadora, é contraria a todos esses procedimentos, esconder problema ou fingir que eles não existem, não é uma solução, mas um incentivo ao acúmulo deles um educador, precisa assumir o compromisso de ajudar o aluno a pensar, estimulando sua imaginação criativa, buscando trocas de conhecimento entre aluno e professor.

2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1. Tipo e abordagem de pesquisa

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, pois consiste numa pesquisa que permite uma abordagem que ultrapassa o teor dos dados quantificáveis, contribuindo para compreender o fenômeno investigado junto à população investigada.

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA E MENESES,2001, p.20)

Dessa forma este tipo de pesquisa qualitativa se encaixa no foi requerido na pesquisa.

O tipo de pesquisa é exploratório, que tem como objetivo possibilitar uma maior intimidade com o questionamento apresentado, tentando fazer com que o problema se torne mais esclarecedor, construindo estimativas, objetivando aperfeiçoar ideias.

visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (SILAVE e MENESES,2001, P.21)

Proporcionou-se por meio da pesquisa uma visão mais ampliada das questões abordadas no trabalho.

Esta pesquisa se caracteriza ainda como uma pesquisa de campo, pois busca junto ao campo e aos participantes da pesquisa, diretamente, as informações que ajudam a compreender o objeto de estudo em questão.

2.2. Universo e participantes.

A pesquisa será realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Elder Câmara, que foi escolhida em razão de ser na mesma cidade e bairro em que mora a pesquisadora, e também por ter ensino fundamental, etapa que é foco da pesquisa.

Os participantes integrantes da pesquisa são os estudantes das turmas do 1º aos 5º anos do ensino fundamental da referida escola, que possui um total de 1.113 alunos, distribuídos entre o turno da manhã e da tarde.

Para a pesquisa, consideramos um número de dois estudantes por cada ano, para que pudéssemos obter informações relevantes e com uma quantidade de estudantes que não fosse tão elevada, para interagir melhor com os dados.

Para proceder a esta análise, os estudantes foram selecionados de maneira aleatória, de acordo com a disponibilidade de cada um em contribuir através de relatos sobre suas experiências.

2.3. Instrumentos de coleta de dados.

O instrumento de coleta de dados foi pensado para que os estudantes possam relatar, através de uma roda de conversa em grupo, suas percepções sobre o objeto de estudo, qual seja a avaliação da aprendizagem. Para tanto, o roteiro de perguntas ou temas serviu de apoio para conduzir a roda de conversa. Realizou-se uma roda de conversa, onde cada aluno respondeu a um questionário de 6 perguntas.

3. Concepções dos Alunos.

A visita a escola foi mediada inicialmente, por uma colega da pesquisadora, que é cuidadora de menino autista, que estudas na escola, através dela foi agendado o dia da pesquisa com a gestora. A chegada no ambiente foi por volta das 7 horas da manhã. Após a chegada da coordenadora, e as devidas apresentações, ela pediu que aguardássemos.

Quando os alunos se acomodaram em suas salas e o sinal tocou, a coordenadora levou-me na primeira sala, depois fui sozinha de sala em sala fazendo a pesquisa. Nas salas do 1º e 2º anos quando anunciada a pesquisa os estudantes se ofereceram para participar, ao contrário do 3º ano que nenhum aluno se ofereceu e então pedi que a professora escolhesse, já no 4º e 5º anos eu escolhi os estudantes de forma aleatória.

Durante a pesquisa, os alunos se revelaram de formas variadas, tímidos, alegres, tristes e simpáticos, procurei deixar todos à vontade e fui mais amigável possível, alguns professores foram acolhedores outros mais reservados, mas no geral alunos e professores colaboraram com a pesquisa.

Para organização dos dados, dividimos a pesquisa em duas partes. A primeira delas intitulamos de “As práticas de avaliação na compreensão dos estudantes” e a segunda parte de “Classificação das práticas”.

3.1 As Práticas de Avaliação na Compreensão dos Estudantes

Os quadros a seguir mostram as repostas das questões do questionário, divididos em 2 ciclos: A alunos do 1º aos 3º anos, que são alunos que fazem provas, mas não recebem notas pois a prefeitura trabalha com conceitos e relatórios, e alunos do 4º aos 5º anos, que já recebem notas de provas.

No quesito sobre “O que é avaliação para você?” “Os alunos responderam de acordo como que consta no quadro:

Quadro 01- Alunos do 1º ao 3º ano, respostas sobre as concepções de avaliação.

Aluno A 1º ano	Não sei.
Aluno B 1º ano	Não sei.

Aluno C 2º ano	Não sei.
Aluno D 2º ano	Não sei.
Aluno E 3º ano	Não sei.
Aluno F 3º ano	Mais ou menos.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

No quesito sobre “O que é avaliação para você?”, os alunos responderam de acordo como que consta no quadro:

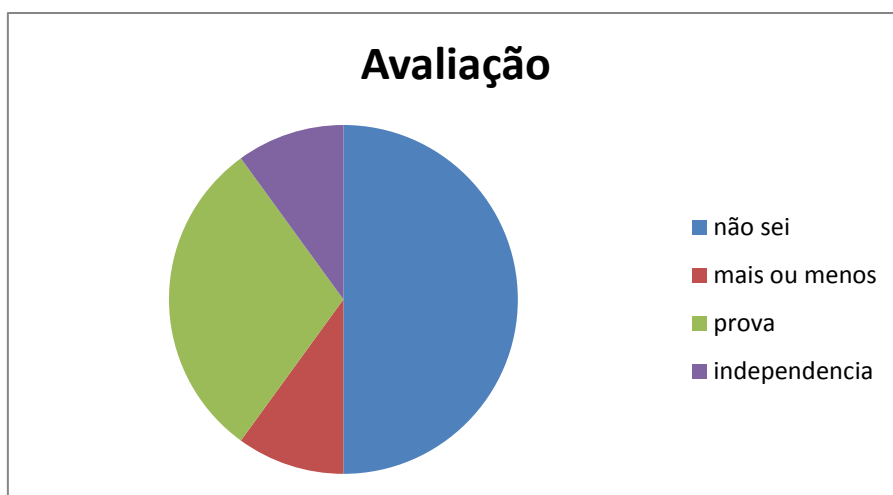
Quadro 01- Alunos do 4º ao 5º ano, respostas sobre as concepções de avaliação.

Aluno G 4º ano	Mostrar sua prova e falar sua nota.
Aluno H 4º ano	Para mim avaliação é uma coisa muito importante pra gente crescer ne! E não depender dos outros.
Aluno I 5º ano	É como uma prova.
Aluno J 5º ano	É uma prova.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Quando questionados sobre o que seria a avaliação, os estudantes em sua maioria responderam que não sabiam, sobretudo os estudantes do 1º ao 3º ano, pareciam não ter clareza sobre o que se tratava, talvez a falta de entendimento sobre avaliação, seja porque os alunos de 1º ao 3º ano não são avaliados por notas mas por conceitos e relatórios, Já os demais estudantes do 4º e 5º anos associaram em sua maioria a avaliação a fazer prova. Veja o gráfico a seguir:

Gráfico 01 – Avaliação para os estudantes de 1º ao 5º ano



FONTE: Dados da pesquisa, 2018.

É importante registrar que apenas um dos estudantes mencionou que a avaliação tinha relação com o crescimento e a aquisição de independência dos sujeitos, “Para mim avaliação é uma coisa muito importante para a gente crescer ne! E não depender dos outros” (estudante H, 4º ano). A maioria dos que se posicionaram trouxe a prova como um modelo de avaliação, sendo a exposição desses elementos também apontada por um deles, que disse que avaliação seria “Mostrar sua prova e falar sua nota” (estudante G, 4º ano).

Ao serem apresentados as fichas “Escolha uma ficha com uma palavra que define a avaliação que é feita na sua escola” Responderam o que mostra no quadro a seguir:

Quadro 02- Alunos do 1º ao 3º ano, fichas escolhidas para definição de avaliação da escola.

Aluno A 1º ano	Prova
Aluno B 1º ano	Prova
Aluno C 2º ano	Prova
Aluno D 2º ano	Prova
Aluno E 3º ano	Examinar
Aluno F 3º ano	Prova

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Ao serem apresentados as fichas “Escolha uma ficha com uma palavra que define a avaliação que é feita na sua escola” Responderam o que mostra no quadro a seguir:

Quadro 02- Alunos do 4º ao 5º ano, fichas escolhidas para definição de avaliação da escola.

Aluno G 4º ano	Prova
Aluno H 4º ano	Observar
Aluno I 5º ano	Prova
Aluno J 5º ano	Prova

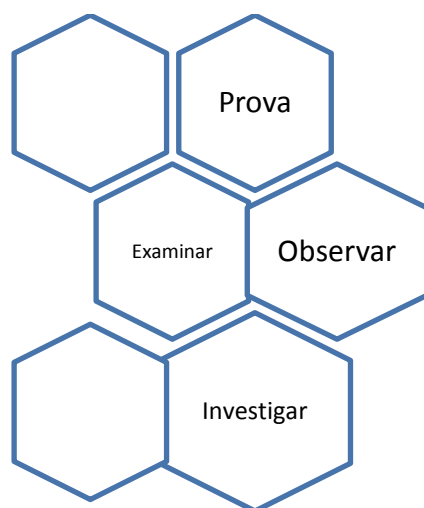
Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Na segunda questão, sobre como é feita a avaliação na escola, 80% dos alunos entrevistados, concordam que a avaliação que é feita na escola, é definida pela palavra “prova”, algumas exceções como o aluno E do 3º ano, atribui a avaliação a palavra “examinar” apesar de demonstrar insegurança em sua resposta, já o aluno F do 3º ano optou pela palavra “observar”, vejamos o que diz Zabala: “[...] nossa tradição avaliativa tem se centrado nos resultados obtidos pelos alunos [...]” (1998, p.196)

Fica claro na pesquisa que a afirmação de Zabala (1998) é real e comum, avaliar os alunos está sempre ligado em resultados de provas o que não favorece o aluno e nem o professor um acompanhamento completo e integral, pois avaliação baseada em notas não pode mostrar a capacidade real de cada aluno, o que ele sabe não se resume em apenas um momento.

Na figura 01 observamos as palavras citadas pelos estudantes:

Figura 01 - Palavras que definem avaliação



FONTE: Dados da pesquisa, 2018.

A partir do conhecimento desses dados, passamos a refletir sobre como estão classificadas as práticas de avaliação a partir do que relatam os estudantes.

3.2 Classificação das Práticas

Quando indagados sobre “Sua professora avalia se você aprendeu? Como ela faz isso?” Vejamos as respostas no quadro a seguir:

Quadro 03-Alunos do 1º aos 3º anos, resposta sobre a avaliação da professora.

Aluno A 1º ano	Ela vai escrevendo no papel e pedindo pra gente ir lendo, a maioria dos nomes eu sei ler.
Aluno B 1º ano	Sim, provas.
Aluno C 2º ano	Sim, provas.
Aluno D 2º ano	Sim, provas.
Aluno E 3º ano	Sim, examinando
Aluno F 3º ano	Sim, examinando

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Quando indagados sobre “Sua professora avalia se você aprendeu? Como ela faz isso?” Vejamos as respostas no quadro a seguir:

Quadro 03-Alunos do 4º ao 5º ano, resposta sobre a avaliação da professora.

Aluno G 4º ano	Sim, provas.
Aluno H 4º ano	Sim, faz trabalhos e olha o caderno para dar nota, tudo direitinho.
Aluno I 5º ano	Sim, faz provas e trabalhos.

Aluno J 5 ° ano	Sim, faz provas.
-----------------	------------------

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Sua professora avalia se você aprendeu? Como ela faz isso? As repostas desta questão foram de forma unânime, que sim, na parte de como é feita esta avaliação todas as respostas vão para o mesmo caminho de “verificar” 90% dos estudantes falaram de provas e trabalhos, apenas aluno E do 3º ano disse “examinando”, mas ficou claro durante sua entrevista que ele se referia a examinar as provas e trabalhos.

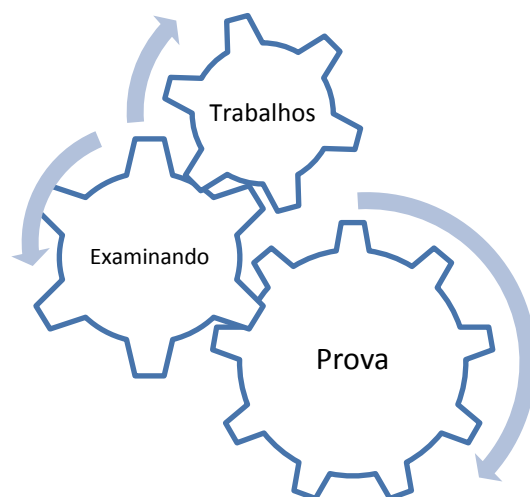
Analisar apenas um lado do conhecimento do aluno, não pode ser comparado a conhecer a totalidade de seu conhecimento, dessa forma apenas notas não podem refletir a inteligência dos alunos, avaliação passa ser apenas uma forma de verificação.

A essa proposta unilateral do professor pode-se dizer que, contempla uma avaliação que não valoriza o aluno, vejamos o que diz Zabala: “[...]a finalidade da avaliação é ser um instrumento educativo que informa e faz uma valoração do processo de aprendizagem seguido pelo aluno, com o objetivo de lhe oportunizar, em todo o momento, as propostas educacionais mais adequadas.” (1998, p.200)

De acordo com Zabala ainda, (1998) para ajudar os alunos precisam ter um processo de aprendizagem que contemple sua inteligência de forma apropriada. Deixando de lado uso de provas como fonte única de avaliação.

Na figura 02 podem ser observados os destaques da forma de avaliação docente segundo o relato dos próprios estudantes:

Figura 02 – Como a professora avalia segundo os estudantes



FONTE: Dados da pesquisa, 2018.

Ao serem apresentados a questão sobre “Sua professora avalia você de quanto em quanto tempo?” Responderam da seguinte forma mostrada no quadro:

Quadro 04-Alunos do 1º aos 3º anos, respostas sobre o tempo da avaliação da professora.

Aluno A 1º ano	Aí eu não sei mas quando é a hora de uma aula e ela não faz quer dizer que ela vai fazendo, quando ela me pede para pegar papel não é para fazer nenhuma atividades, ai então ela vai escrevendo, já da para mim nota que ela gosta muito de mim.
Aluno B 1º ano	Não sei.
Aluno C 2º ano	Não sei
Aluno D 2º ano	Não sei.
Aluno E 3º ano	Demora
Aluno F 3º ano	Demora, um pouco.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Ao serem apresentados a questão sobre “Sua professora avalia você de quanto em quanto tempo?” Responderam da seguinte forma mostrada no quadro:

Quadro 04- Alunos do 4º ao 5º ano, respostas sobre o tempo da avaliação da professora.

Aluno G 4º ano	Quando a gente fez a de matemática e a gente fez de português, que to fazendo agora e natureza e sociedade que a gente vai fazer, sempre faz provas.
Aluno H 4º ano	1 mês ou 1 mês e meio.

Aluno I 5º ano	1 mês
Aluno J 5º ano	De vez em quando.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Nos 10 alunos entrevistados 4 dos 1º e 2º anos disseram não saber o tempo que estão sendo avaliados, os alunos do 3º ano disseram que “Demora” dá uma ideia de que eles sabem que quando tem provas estão sendo avaliados.

Alguns alunos do 4º e 5º anos determinaram o tempo entre 1 mês e 1 mês e meio. Aluno J do 5º ano destacou que de vez em quando é o tempo que é avaliado, e por fim a aluna G do 4º ano diz “Quando a gente fez a de matemática e a gente fez de português, que to fazendo agora e natureza e sociedade que a gente vai fazer, sempre faz provas.”

Não Saber quando está sendo avaliado é uma das dificuldades mostradas pelos alunos nesta pesquisa, entender o processo de avaliação pode ajudar os alunos a se desenvolverem melhor e a entenderem o processo de avaliação, mas precisariam exercer diálogo professor e aluno.

[...] “o alcance dos objetivos por parte de cada aluno é um alvo que exige conhecer os resultados e os processos de aprendizagem que os alunos seguem” [...] (ZABALA 1998, p.201).

Dessa forma observa-se que conhecer os procedimentos traz inúmeros benefícios para os alunos, pois eles podem se apropriar melhor do processo, compreender e colaborar com o seu próprio desenvolvimento.

Quando questionados sobre “Escolha uma ficha (carinha) que representa como você se sente quando a professora lhe avalia.” Suas escolhas estão apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 05-Alunos do 1º ao 3º ano, seus sentimentos ao serem avaliados.

Aluno A 1º ano	Feliz
Aluno B 1º ano	Feliz
Aluno C 2º ano	Feliz
Aluno D 2º ano	Preocupado
Aluno E 3º ano	Preocupado
Aluno F 3º ano	Preocupado

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Quando questionados sobre “Escolha uma ficha (carinha) que representa como você se sente quando a professora lhe avalia?” Suas escolhas estão apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 05-Alunos do 4º ao 5º ano, seus sentimentos ao serem avaliados.

Aluno G 4º ano	Preocupado
Aluno H 4º ano	Feliz
Aluno I 5º ano	Feliz
Aluno J 5º ano	Preocupado

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Na questão, “Escolha uma ficha (carinha) que representa como você se sente quando a professora lhe avalia”, os alunos mostraram-se divididos.

Os alunos D 2º ano, E 3º ano, F 3º ano, G 4º ano e 5º ano, escolheram a carinha de preocupado, todos disseram que se preocupam em tirar nota baixa, porém os alunos, A 1º ano, B 1º ano, C 2º ano, H 4º ano e I 5º ano, escolheram a carinha feliz pois disseram sempre estudar para as provas.

Diante dos dados obtidos pode-se perceber que 50% dos alunos fica preocupados com resultados das provas, por medo de obterem notas abaixo da média; já 50% sentem-se felizes porque segundo eles estudam para as provas.

Muito embora as notas necessariamente não mostrem capacidade integral do aluno, tem-se apenas um resultado superficial de sua capacidade, mas infelizmente é um instrumento usado em geral para apreender os desempenhos.

Uma escola centrada quase que exclusivamente nos conteúdos factuais, de conhecimento enciclopédico, limita os instrumentos avaliativos habitualmente utilizados às provas de papel e lápis. de conteúdos factuais, mas não é tanto quando se trata de quando os conteúdos a serem avaliados são de caráter atitudinal. (ZABALA 1998, p.202).

Diante disto nota-se que as provas que e muitos tanto preocupam-se, não permitem ao professora tirar conclusões únicas, sobre os aluno apenas por um nota de uma prova que limita seus conhecimentos, e determinados momentos.

Quando a pesquisadora perguntou sobre “Que atividades você gosta na sua sala de aula? Por que?” Vejamos suas respostas a seguir:

Quadro 06- Alunos do 1º ao 3º ano, resposta de quais atividades gostam e porquê.

Aluno A 1º ano	Trabalhos em grupo, não sei dizer o porquê.
Aluno B 1º ano	ler, porque é bom aprender a ler.
Aluno C 2º ano	Brincadeiras sobre o tema da aula, eu gosto.
Aluno D 2º ano	Aulas de artes, faz brincadeiras.
Aluno E 3º ano	Brincadeiras sobre o tema da aula, é divertido.
Aluno F 3º ano	Apresentar trabalhos, não sei porque.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Quando a pesquisadora perguntou sobre “Que atividades você gosta na sua sala de aula? Por que?” Vejamos suas respostas a seguir:

Quadro 06- Alunos do 4º ao 5º ano, resposta de quais atividades gostam e porquê.

Aluno G 4º ano	Brincadeiras com tema da aula, porque é legal.
Aluno H 4º ano	Trabalhos em grupo, porque é muito útil e provas por causa do futuro.
Aluno I 5º ano	Atividades de artes, a professora é legal e faz coisas diferentes.
Aluno J 5º ano	Atividades de artes, porque ela faz muitas coisas.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Na questão 4 sobre o que mais gostam de fazer na sala de aula, atividades mais mencionadas foram dos alunos C 2º ano, brincadeiras sobre o tema da aula, eu gosto”, aluno E 3º ano “Brincadeiras sobre o tema da aula, é divertido” e G 4º ano “Brincadeiras sobre o tema da aula, porque é legal. Já os alunos D 2º ano, “aulas de artes, faz brincadeiras”, I 5º ano, “atividades de artes, a professora é legal e faz coisas diferentes”, Aluno J 5º ano, “atividades de artes porque ela faz que muitas coisas” Aluno A 1º ano, “trabalhos em grupo, não sei dizer o porquê” aluno H 4º ano, trabalhos em grupos e provas, porque é muito útil por causa do futuro”, aluno A 1º ano “ler, porque é bom aprender a ler”.

Ao observarem as fichas sobre “Escolha as fichas que tem as atividades que você mais gosta de fazer na escola.” Detalhes no quadro a seguir:

Quadro 07- Alunos do 1º ao 3º ano, respostas de atividades que mais gostam na escola.

Aluno A 1º ano	Robótica
Aluno B 1º ano	Aulas de Vídeo
Aluno C 2º ano	Educação Física
Aluno D 2º ano	Educação Física
Aluno E 3º ano	Educação Física
Aluno F 3º ano	Educação Física

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Ao observarem as fichas sobre “Escolha as fichas que tem as atividades que você mais gosta de fazer na escola.” Detalhes no quadro a seguir:

Quadro 07- Alunos do 4º ao 5º ano, respostas de atividades que mais gostam na escola.

Aluno G 4º ano	Educação Física
Aluno H 4º ano	Passeios Culturais/experimentos de ciências
Aluno I 5º ano	Apresentações de dança.
Aluno J 5º ano	Educação Física

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Os alunos escolheram fichas com atividades que mais gostam de fazer na escola, na questão 5, algumas se destacaram, como as aulas de educação física 60% dos alunos, mas alguns alunos mencionaram também, aluno A 1º ano, aulas de robótica, aluno B 1º ano, aulas de vídeo, aluno H 4º ano, passeios culturais e experimentos de ciências e aluno I 5º ano, apresentações de dança.

Ao examinarem as palavras na questão sobre “Escolha uma ficha de atividade que você não gosta e diga por que.” Suas respostas contam no quadro a seguir:

Quadro 08- Alunos do 1º ao 3º ano, respostas das atividades que não gosta e porquê.

Aluno A 1º ano	Provas, porque fico com a mão doendo, com provas grandes.
Aluno B 1º ano	Brincadeiras sobre o tema da aula, não sei dizer.

Aluno C 2º ano	Trabalhos em grupo, não sei.
Aluno D 2º ano	Aula de Vídeo, porque fico muito tempo parado.
Aluno E 3º ano	Apresentar trabalhos, tenho vergonha.
Aluno F 3º ano	Robótica, não sei dizer.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Ao examinarem as palavras na questão sobre “Escolha uma ficha de atividade que você não gosta e diga por que.” Suas respostas contam no quadro a seguir:

Quadro 08- Alunos do 4º ao 5º ano, respostas das atividades que não gosta e porquê

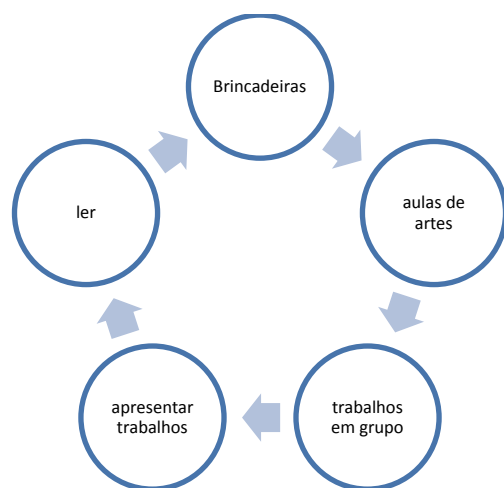
Aluno G 4º ano	Provas, fico preocupada.
Aluno H 4º ano	Pesquisa na sala, por causa barulho.
Aluno I 5º ano	Experimentos de ciências, não gosto de ciências.
Aluno J 5º ano	Aula de robótica, pouco tempo não dá para fazer os robôs e programar.

Fonte: produção da pesquisadora, 2018.

Quando questionados sobre atividades que não gostavam de eles responderam, “Provas, porque fico com a mão doendo, com provas grandes” (estudante A, 1º ano). “Brincadeiras sobre o tema da aula, não sei dizer.” (estudante, B 1º ano), “Trabalhos em grupo, não sei” (estudante C, 2º ano). “Aula de Vídeo, porque fico muito tempo parado” (estudante D, 2º ano). “Apresentar trabalhos, tenho vergonha” (estudante, E 3º ano). “Robótica, não sei dizer” (estudante F, 3º ano). “Provas, fico preocupada” (estudante G, 4º ano). “Pesquisa na sala, por causa barulho” (estudante H, 4º ano). “Experimentos de ciências, não gosto de ciências” (estudante I, 5º ano). “Aula de robótica, pouco tempo não dá para fazer os robôs e programar” (estudante J, 5º ano).

Nota-se que eles responderam de forma rápida e precisa, mostrando suas preferências por atividades que sugerem movimentos, nas questões 4 e 5, onde apontaram o que gostam na escola, com atividades mais uma vez que são lúdicas e movimentadas, porém na questão 6 ao serem indagados sobre atividades que não gostam, o que mais se repetem são atividades passivas, sem espaço para liberdade criativa.

Figura 03 – atividades que os estudantes gostam



FONTE: Dados da pesquisa, 2018.

“Um ambiente livre de tensões e limitações favorece as tentativas de conquista do saber ao mesmo tempo em que permite ao professor a análise das relações estabelecidas e termos de lógica existente nas soluções apontadas pelo aluno.” (HOFFMANN 2003, p.100).

Entende-se que atividades que sugerem movimentos ou ações podem mostrar na prática se alunos estão aprendendo, com uma forma agradável e lúdica de avaliar, estabelecendo uma relação entre o brincar e o aprender.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Elder Câmara nas séries de 1º ao 5º anos, com participação de 2 alunos de cada turma. A pesquisa focou sua atenção nas repostas dos alunos, sobre avaliação, trazendo informações importantes para a realidade nas escolas, de forma que também contribui para reflexão sobre o olhar dos alunos e seus sentimentos e preferências. Permitindo que esta análise, seja uma contribuição para área acadêmica.

Percebe-se que a maioria dos alunos entrevistados, julga ser a prova um dos principais meios de avaliação, usados pelos professores, mostrando que resultados extraídos de provas são comuns, deixando de proporcionar uma variação de atividades avaliativas aos alunos, mostrando que a avaliação não pode ser completa, tendo em vista apenas resultados de provas, as notas em si não podem mostrar o conhecimento integral do aluno, outras formas de avaliar podem ser mais utilizadas de acordo com a necessidade individual do aluno.

Dessa forma nota-se uma falta de olhar diferenciado para cada aluno, individualmente, que necessita ser avaliado de forma mais adequada, buscando-se valorizar seu conhecimento como um todo.

Desataca-se nesta pesquisa a preocupação que sentem 5 dos 10 alunos dos entrevistados ao serem avaliados por meio de provas, deixam claro que a uma grande tensão durante a prova e não gostam de realizá-la, por medo de notas abaixo da média, porém a outra metade garantem sentimentos de alegria, pois estudar para realizar as avaliações por meio de provas.

Esta pesquisa tem uma importância significativa para a formação de professores em especial os Pedagogos, trazendo dados que podem ajudar em futuros estudos acadêmicos, auxiliando pesquisas de alunos nas universidades, mostrando a realidade vivida das escolas. Podendo futuramente ser realizadas mais pesquisas com temas sobre avaliação, visando contribuir para melhor entendimento dessa questão.

Dada a importância do assunto existem ainda muitos pontos para serem explorados nesta área, podendo ajudar além de professores e alunos universitários, muitos alunos compreendo suas questões para desenvolver meios de auxiliá-los.

5. REFERÊNCIAS

HOFFMAN, Jussara. Avaliação como mediação. **Avaliação: mito & desafio.** Uma perspectiva construtivista. Edição 41. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. A pesquisa e suas classificações. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 2001

ZABALA, Antoni. A avaliação. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** Edição 18ª. São Paulo: Cortez, 2006.

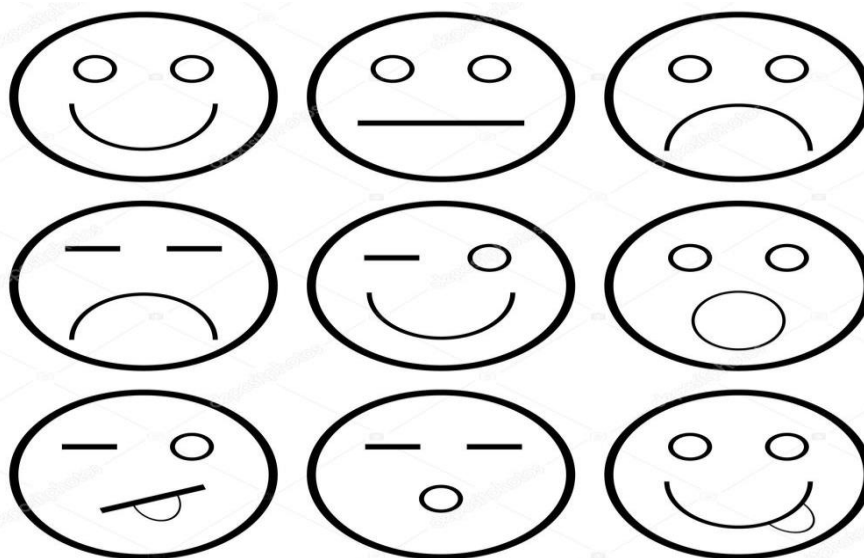
6. Anexo – Roteiro de Perguntas.

PARTE I – AS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO NA COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES

1. O que é avaliação para você?
2. Escolha uma ficha com uma palavra que define a avaliação que é feita na sua escola.

PARTE II – CLASSIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS

1. Sua professora avalia se você aprendeu? Como ela faz isso?
2. Sua professora avalia você de quanto em quanto tempo?
3. Escolha uma ficha (carinha) que representa como você se sente quando a professora lhe avalia.



4. Que atividades você gosta na sua sala de aula? Por que?
5. Escolha as fichas que tem as atividades que você mais gosta de fazer na escola.
6. Escolha uma ficha de atividade que você não gosta e diga por que.